

O Pensamento Fonológico de J. Mattoso Câmara Jr.*

The Joaquim Mattoso Câmara Junior'S Phonological Ideas

Yonne LEITE**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

RESUMO

Apresenta-se aqui uma apreciação de **Para o estudo da fonêmica portuguesa** de J. Mattoso Câmara Jr. (1953), demonstrando seu caráter inovador no que se refere tanto ao tipo de argumentação apresentada quanto à proposta de análise em si. São focalizados os tópicos mais controvertidos — o estatuto não fonêmico das vogais nasais, a formação do plural dos nomes terminados em *ão* e a representação fonológica dos róticos - mostrando que sua proposta teria guarida certa no paradigma gerativista.

PALAVRAS-CHAVE

Historiografia da Lingüística Brasileira. Fonologia do português. Vogais nasais. Róticos.

* Versão corrigida e atualizada da comunicação apresentada na 37ª Reunião da SBPC (Belo Horizonte, 1985) no simpósio **Mattoso Câmara e a Teoria da Linguagem**, promovido pela Abralin, por ocasião do 15º aniversário da morte de J. Mattoso Câmara Jr. e publicada em **Boletim da Associação Brasileira de Lingüística**, n. 7, p. 17-24, abr. 1986.

** Sobre a autora ver página 44.

ABSTRACT

*We present here an analysis of **For the study of Portuguese phonemics** from Mattoso Câmara Jr. (1953) showing his innovatory nature in relation to both the kind of argumentation that is presented and the analysis proposal in itself. The work focuses on the most controversial topics – the non-phonemic status of nasal vowels, the formation of plural nouns ending in *ão* and the phonologic representation of the *róticos* – showing that his proposal would be in accordance with the generative framework.*

KEY-WORDS

Brazilian linguistics historiograph. Portuguese phonology. Nasal vowels. Róticos.

Um semeador de idéias

Falar da contribuição de Joaquim Mattoso Câmara Jr. significa rememorar a institucionalização da Lingüística em nosso país. Idealizador da Associação que hoje nos congrega, introdutor da lingüística estruturalista, incentivador dos estudos de línguas indígenas, homem de muitos títulos, muitas luzes, vasta e variada produção científica, reconhecido internacionalmente. Doutor, livre-docente, jamais chegou a professor-catedrático. Fundador da Associação Brasileira de Lingüística, jamais almejou ser dela presidente. Mas foi para todos aqueles que tiveram a oportunidade de assistir às suas aulas o professor perfeito, o mestre sempre lembrado a quem se deseja imitar.

Convivi com o professor Mattoso Câmara durante os dez últimos anos de sua vida. Um convívio diário no Setor de Lingüística do Museu Nacional, do qual foi o organizador. Dele herdei a sala e a mesa de trabalho, a cadeira giratória, as estantes e guardei na memória os ensinamentos e o exemplo, a figura curvada, a voz pausada, a resposta precisa às indagações e dúvidas que lhe eram feitas. Gostaria imensamente de ter herdado também o espírito lúcido, a clareza da exposição e o amor ao trabalho, que conseguiu transformar a insidiosa tarefa de correção de redações do curso secundário num momento de pesquisa e de criação, detectando, nos erros dos alunos, as tendências da evolução do Português.

O artigo que daí resultou – **Erros Escolares como Sintomas de Tendências Lingüísticas no Português do Rio de Janeiro** (CÂMARA JR.,

1957) – foi inspirar, pelos parâmetros fixados, a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Emmanoel dos Santos (SANTOS, 1973, 1980). A ele se soma a tese de doutorado de Leite (1974), que também usa, como evidência externa para sua análise da formação do plural e da regra de abrandamento velar, a brincadeira de se falar português de trás para frente.

Antecipou-se, assim, Mattoso Câmara à prática moderna, que tornou corpo e vigor de procurar evidências externas, como o fez Fromkin (1971), em erros e lapsos, para comprovar os arcabouços teóricos propostos.

Creio que a maior homenagem que posso prestar ao professor Mattoso Câmara é avaliar a parte de sua obra que me é mais conhecida – a fonologia – para aquilatar melhor seu papel de semeador de idéias e seu papel pioneiro e inovador.

A presença de Mattoso Câmara

Em 1953, a Organização Simões publica, na Coleção Rex, um pequeno livrinho intitulado **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa** da autoria de J. Mattoso Câmara Jr. do qual se reproduz aqui na íntegra a Nota Prévia por ele acrescentada à publicação:

Para o Estudo de Uma Fonêmica Portuguesa foi a tese com que obtive o grau de “Doutor em Letras Clássicas” na Faculdade Nacional de Filosofia em 1949. Apresentei, então, à Faculdade 5 exemplares datilografados apenas. Mais tarde publiquei no Boletim de Filologia (ed. Dois Mundos, Rio), nos números 9 e 10 respectivamente, o terceiro capítulo Os Fonemas do Português que era a parte final e essencial da tese e o primeiro capítulo introdutório sobre Fonética e Fonêmica. Ambos despertaram algum interesse aqui e no estrangeiro, sendo que Os Fonemas do Português mereceram resenha de Paul Garvin em Studies in Linguistics (SIL vol. 8, nº 4) e de Helmut Ludke no Boletim de Filologia de Lisboa (XII, 353) além de uma carta crítica de Antenor Nascentes. Julguei assim de bom alvitre aceitar o convite da ORGANIZAÇÃO SIMÕES para reuni-los em volume, o que aqui faço numa edição revista e um pouco ampliada. Deixei de lado o segundo capítulo sobre Os Estudos Fonéticos em Português que versava matéria marginal e talvez excrescente. Em compensação ajuntei um terceiro capítulo, um estudo sobre A Rima na Poesia Brasileira, remodelando ligeiramente a tese inédita que apresentei no Primeiro Congresso da Língua Vernácula, organizado pela Academia Brasileira de Letras em homenagem ao centenário de Rui Barbosa, porque esse trabalho é uma amostra das pesquisas que se pode fazer nas diretrizes dos princípios fonêmicos (CÂMARA JR., 1953, p. 5-6).

Prefácio modesto para um livro que é um marco na história da lingüística brasileira. Não há um trabalho sobre fonologia do português do Brasil que não o cite e não o use como referência fundamental.

Lembrando apenas alguns, sem ordem determinada, têm-se: as dissertações de mestrado de Lemle, (1966), Pontes (1972), Cyr (1965) e Rameh (1961), a tese de doutorado de Head (1964), de Leite (1974) e mais outros que não são citados para não tornar a listagem cansativa.

Cumpre assinalar que mesmo teses que têm como objeto a análise acústica, como a de Cagliari (1981) sobre as vogais nasais, apóiam-se na análise fonêmica de Mattoso Câmara para o delineamento da questão de que tratam.

Os motivos de tão ampla penetração residem no fato de ser esta a primeira análise da fonologia do português do Brasil feita por um falante brasileiro e também porque praticamente não há um único problema de fonologia do português que não esteja abordado, tratado ou encaminhado em **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**, tais como a interpretação das vogais nasais e das vibrantes ou róticos, as vogais pretônicas e postônicas, a harmonização vocálica, a vocalização do / l /, os graus de tonicidade e atonicidade do vocábulo e suas funções delimitativas, a vogal anaptítica, as vogais assilábicas orais e nasais, a distribuição das sibilantes.

Assim, a harmonização vocálica foi primeiramente retomada por Lemle (1974), com a finalidade de demonstrar que a diminuição da alomorfa nos paradigmas é um princípio mais forte para a regularização de formas do que a transparência das regras. A harmonização das vogais pré-tônicas é, até hoje, tema de artigos, de dissertações de mestrado e teses de doutorado, entre as quais destaco: o trabalho pioneiro de Bisol (1981), em que estuda ocorrência do fenômeno em Porto Alegre, a de Silva (1989) sobre o dialeto de Salvador (Bahia) e a de mestrado de Pereira (2004) sobre a variação em João Pessoa (Paraíba), todas essas seguindo a metodologia da sociolingüística quantitativa laboviana numa perspectiva da mudança neogramática e as dissertações de mestrado de Viegas (1987), sobre o falar mineiro, em que defende a teoria da difusão lexical, e a de Castro (1990) que se restringe ao falar de Juiz de Fora. A fala do Rio de Janeiro é retratada em artigos de Callou et al. (1991, 1998, 2002).

A interpretação das vibrantes recebe novo tratamento em artigo de Jean Pierre Argenot, Giles Istre e Paulino Vandresen intitulado “The Portuguese R’s revisited” (ANGENOT; ISTRE; VANDRESEN, 1981).

A questão das vogais assilábicas e da interpretação de *glides* e dos sons de transição é reinterpretada na dissertação de mestrado de Pontes (1972) e na tese de doutorado de Head (1964).

Outro tema, reelaborado por Lemle (1966) em termos distribucionais, é a atribuição de graus de tonicidade a palavras fonológicas que permitem distinguir *ar marinho* de *armarinho*. O estudo da prosódia tomou grande impulso nas fonologias não-lineares. A intenção de Mattoso, porém, foi bem modesta, a de mostrar que os graus de acentuação tinham funções diferentes da dos fonemas segmentais. Fiel à teoria europeia, diferencia função distintiva de função delimitativa. Nos fonemas segmentais, a função é distintiva, enquanto os graus de acentuação em português exercem uma função delimitativa ao permitirem a distinção de uma palavra fonológica composta de uma palavra morfológica e uma palavra fonológica composta de duas palavras morfológicas. Lança, assim, as primeiras sementes para se dar atenção aos fenômenos chamados supra-segmentais ou prosódicos em suas relações com a morfologia. Bisol (2004) mostra, com muita propriedade, em sua homenagem ao centenário de nascimento de Mattoso Câmara, as correlações entre a abordagem de Mattoso Câmara e a da fonologia prosódica, tal como praticada atualmente.

Não serão aqui enumerados todos os trabalhos que, de um modo ou de outro, reportam-se à análise de Mattoso Câmara, porque a lista seria por demais grande.

Antes de entrarmos na exposição da contribuição e atualidade do pensamento fonológico de Mattoso Câmara, torna-se necessária uma breve caracterização da teoria por ele seguida.

O Círculo Lingüístico de Praga

Mattoso Câmara foi adepto, talvez o único em nosso País, da fonologia do Círculo Lingüístico de Praga, cujos ensinamentos fora aprimorar nos Estados Unidos da América em 1943, com uma bolsa de estudos conferida pela Fundação Rockfeller. Foi aluno, tornando-se amigo,

de Roman Jakobson. É essa fase de seu currículo acadêmico, esse período de maturação lingüística, que ele nos traduz em **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. E o faz com o ímpeto, a minúcia, o gosto de demonstração daqueles que se ausentam à procura de novos conhecimentos e que querem partilhar o que aprenderam e o que foi cuidadosamente construído.

O quadro apresentado do sistema vocálico é um exemplo de clareza de aplicação de uma teoria. Parte das oposições em posição tônica, estabelecendo sete fonemas em posição tônica, que se neutralizam nas posições átonas: cinco arquifonemas na posição pré-tônica, quatro na posição pós-tônica medial e três na posição pós-tônica em final de palavra. A realização dos arquifonemas irá depender dos dialetos regionais, sendo que, na posição pré-tônica, a regra de alicamento das vogais médias tornará os contrastes pouco produtivos. Oferece-nos, deste modo, uma visão global e integradora. As descrições e estudos fonológicos estruturalistas que se seguiram infelizmente abandonaram essa perspectiva e tratam das vogais independentemente da acentuação. Não há lugar, na abordagem que mais vingou no Brasil, para um sistema de traços distintivos e, conseqüentemente, para um processo como a neutralização. Ganha-se, em alguns casos, em conhecimento factual, mas perde-se, e muito, na síntese e na visão holística.

A linha de análise fonológica que irá vencer em nosso país não será a do Círculo Lingüístico de Praga, mas a do estruturalismo distribucional norte-americano, a análise concreta do “uma vez fonema sempre fonema”, em que as condições de bi-univocidade, determinação local, invariança e linearidade serão rigidamente obedecidas. Nem o próprio Mattoso Câmara ficou totalmente infenso a essa corrente, como se verá mais adiante.

As análises aqui apresentadas foram escolhidas por serem as mais discutidas e polêmicas: a das vogais nasais, o plural dos nomes terminados em *ão* e a dos róticos.

As vogais nasais

Para as vogais nasais, as análises do português se dividem em as que as consideram fonêmicas com uma representação monofonemática como as de Pontes, (1972), Hall (1943), Head (1964), Rameh (1961)), Back (1973),

Leite, (1974), Abaurre-Gnerre (1983) e as que as consideram não-fonêmicas, tendo, portanto, uma representação bifonemática. Nesta se incluem Câmara (1953); Lemle (1966), Reed e Leite (1956), Barbosa (1962) e Mateus (1982). Na perspectiva estruturalista concreta compartilhada por Back (1973), o problema poderia se resumir a uma questão de acuidade fonética, isto é, reduzir-se-ia à indagação de se o glide consonântico nasal proposto pela análise de Mattoso Câmara é audível em final de palavras, como *lã* e *fim*, ou precedendo consoantes, como em *lâmpada*, *ânfora* e *manga*. Para Back,

A língua é falada para ser ouvida pelos outros. Aquilo que os falantes não ouvem, simplesmente, não existe em seu código lingüístico, portanto não é elemento da língua e não interessa ao lingüista, embora possa interessar a um foneticista, à Física Acústica (BACK, 1973, p. 317).

Para Mattoso Câmara, a questão é bem mais complexa do que a mera audição do glide nasal. É ele quem inaugura a linha de apresentar argumentos intra-sistêmicos para referendar sua análise. Assim considera as vogais nasais como vogais orais seguidas de um arquifonema consonântico nasal, sendo a natureza nasalizada da vogal decorrente da consoante nasal que lhe trava a sílaba. Com, argumentos de que uma vogal nasal funciona como se fosse travada por uma consoante, apresenta a não-ocorrência da vibrante simples após vogal nasalizada e a refração à crase entre vogal nasal e outra vogal seguinte.

Nas análises que se seguiram à de Mattoso Câmara, a questão passa a se rebater ou endossar a argumentação acima citada e, admitida a existência do *glide*, debate-se sua alocação a um fonema. Pontes (1972) considera os travamentos consonânticos alofones das vogais nasais, Lemle (1966), das consoantes nasais e Hall (1943), das consoantes não nasais. Tem-se, assim, um claro exemplo do que Chomsky (1964) chama fonêmica taxinômica.

Um passo à frente também dado por Mattoso Câmara foi o de avaliar as conseqüências de sua análise em outros domínios da língua. Assim, reinterpreta a rima entre vogal oral e vogal nasal como sendo uma rima imperfeita e não toante, como a caracteriza Cunha (1949).

Das análises estruturalistas propostas, a única que ameaça seriamente o arcabouço proposto por Câmara é a de Pontes (1972), que apresenta um

par mínimo, *caminha* “3ª pessoa do verbo caminhar” e *caminha*, “diminutivo de cama”, em que a vogal oral seguida de consoante nasal contrasta com a vogal nasal seguida de consoante nasal, contraste esse que a análise de Mattoso Câmara não dá conta, ou o dá de modo inadequado.

Os róticos

Um dos pontos mais contestados da proposta de Mattoso Câmara é a análise da vibrante múltipla. Não vê ele no par *cara carro* o contraste entre dois fonemas, mas, sim, a ocorrência de um *tepe* em *caro* e uma consoante geminada em *carra*. Nesta, o primeiro elemento da gemação não se realiza foneticamente. Usando as próprias palavras do autor.

Podemos admitir que o /r/ pós-vocálico, foneticamente perceptível em *ar roxo*, existe potencialmente em *arrocho*, embora sem realização fonética; a sua presença fonêmica manifesta-se apenas pela manutenção do /r/ seguinte, que ficou fonemicamente não-intervocálico (CÂMARA JR., 1953, p. 109).

A comprovação para essa interpretação se baseia nos lapsos de pronúncia, caminho esse, mais uma vez frisamos, amplamente difundido atualmente. Assim, a forma *árrugãõ* por *árrugãõ* seria explicada pela metátese do *r* pós-vocálico da segunda sílaba para a primeira, deixando este de ser, então, intervocálico e tornando-se uma vibrante forte. O *r* metatesizado, ao contacto com o *r* da primeira sílaba, anula-se foneticamente.

Nenhum dos estudos estruturalistas que se seguiram aceita a proposição de Mattoso Câmara. Barbosa (1962) é quem mais debate e refuta essa interpretação, seguido de Head (1964). A razão mais aventada é a de que essa análise revive fatos históricos não mais atuantes nas regras do português moderno. Além disso, hoje em dia, a realização mais freqüente do *r* forte é, em um grande número de dialetos, principalmente dos falantes mais jovens, ou a fricativa velar ou a fricativa glotal, fones bastante diferenciados do *tepe* que traduz a variante fraca. Uma das premissas para que se agrupem os alofones de um mesmo fonema é sua semelhança fonética. Considerar uma fricativa velar ou glotal e um *tepe* submembros de um mesmo fonema seria uma violação dessa premissa.

O próprio Mattoso Câmara não ficou imune a essas críticas. Muda sua análise da vibrante. Em **Problemas de Linguística Descritiva** (CÂMARA JR., 1969), já passa a falar em variantes livres do /r/ forte, colocando-o entre barras inclinadas, a indicar uma unidade fonêmica distinta do /r/ fraco. Em **The Portuguese Language**, apresenta um novo fonema resultante da história do português: o /r/ fraco em oposição ao /r/ forte. E, em **Estrutura da Língua Portuguesa**, sua nova posição se torna clara ao apresentar dois fonemas em contraste no par *era: erra*.

Acompanhei de perto essa mudança e acho que nela pesou muito, não só as críticas feitas, mas também o diálogo constante e diário com lingüistas do *Summer Institute of Linguistics*, que trabalhavam em convênio com o Museu Nacional. A abordagem por eles seguida, e que muito influenciou a prática lingüística em nosso país, jamais aceitaria essa análise por ser muito abstrata, distanciada da realidade fonética.

Mattoso Câmara presenciou a ascensão da teoria chomskyana e da fonologia gerativista. E tinha-lhe uma profunda aversão. Manteve-se sempre alinhado às hostes estruturalistas. Conhecia, porém, muito bem suas propostas e estava perfeitamente em dia em suas leituras.

Esse repúdio é para mim ao menos curioso. Curioso porque os pontos mais controversos e atacados de sua análise encontrariam na nova teoria uma guarida segura.

A teoria gerativa e as análises de Mattoso Câmara

A teoria gerativista fornece os meios para contornar o sério empecilho, mencionado anteriormente, aventado por Eunice Pontes, para considerar as vogais nasais como não-fonêmicas. Basta se apelar para a aplicação cíclica de regras, admitindo-se a informação morfológica, e limitar a nasalização da vogal à posição tônica, como o fez Perini (1971), ao propor a regra de nasalização que nasaliza a vogal acentuada seguida de consoante nasal ou a vogal tônica ou átona no contexto de consoante nasal seguida de outra consoante.

Desse modo, *caminha* “diminutivo de cama” tem a representação $N[[cam+a]_N\#[inh+a]_N]_{N'}$ ocorrendo uma juntura de palavra ou juntura externa aberta, já que se trata de uma palavra fonológica composta de duas

palavras morfológicas.¹ Assim, o **a** de *cama*, por ser uma palavra morfológica, recebe o acento de palavra e se nasaliza. Já em *caminha* do verbo caminhar, o **a** não é acentuado por ser uma palavra fonológica composta de uma única palavra morfológica cujo acento não recai no **a**, e, por não ser acentuado, não se nasalizada.

Aí reside uma das vantagens descritivas da fonologia gerativa: permitir o uso de informação morfológica na descrição fonológica como contexto para a aplicação de regras fonológicas. Já o modelo estruturalista não admite a “mistura” de níveis, não permitindo o uso de contexto morfológico no componente fonológico.

Quase todas as análises pós-estruturalistas do português, menos a de Leite (1974) e a de Abaurre-Gnerre (1983), consideram as vogais nasais não-fonêmicas, não tendo, pois, uma representação subjacente bifonemática.

Quanto à análise de uma consoante geminada para a representação do **r** forte é esta a proposta defendida por James Harris, em seu clássico livro **Spanish Phonology** (HARRIS, 1969).

É verdade que para o português o trabalho mais completo de que se dispõe em linha gerativista – o de Mateus (1982) – rebate a interpretação para o *r*, assim como qualquer outra análise que postule consoantes geminadas para o português.

Angenot et al. (1981), usando o arcabouço da fonologia natural pura, reabilitam essa interpretação de Mattoso Câmara. Retrabalham a questão como uma decorrência da estrutura silábica. No caso do *r* forte de *carro*, tem-se uma sílaba travada por uma consoante subjacente não definida, um infra-segmento, como denominam, que tem especificado apenas o traço [-silábico], sendo todos os outros traços zeros. O formalismo apresentado é muito elaborado, mas pode-se ver muito bem que o infra-segmento que se realiza como zero nada mais é do que o primeiro membro da geminação que se anula foneticamente, tal como estabelecido por Mattoso Câmara.

O formalismo se simplifica no modelo da fonologia auto-segmental com o Princípio do Contorno Obrigatório pelo qual se evitam segmentos

¹ A motivação para se considerar as palavras com os sufixos -(z)inho(a) como tendo uma juntura interna de palavra (#) se justifica pelo bloqueio da neutralização de altura das vogais da base e possibilidade de pluralizar o nome antecedente.

idênticos adjacentes e até mesmo segmentos adjacentes com o mesmo ponto de articulação. As línguas seguem estratégias diferenciadas para contornar esses encontros.

Recentemente, os róticos voltaram à cena lingüística nas análises do português do Brasil, quer seja focalizando as variações de realização que vão de vibrante múltipla a zero fonético, passando pela fricativa velar e glotal, quer discutindo sua representação e as formalizações dos processos de variação. Esse estado da arte é retratado por Abaurre e Sândalo (2003) que revisitam as análises para os róticos em português e, com base na hierarquia dos traços da teoria não-linear dos articuladores, argumentam em prol da análise de ser o *r* forte um epifenômeno de dois fonemas idênticos subjacentes, sendo sua realização uma conseqüência do Princípio do Contorno Obrigatório. Uma vez que o modelo estruturalista do qual serve Mattoso Câmara não tem os mecanismos operacionais de que dispõe a fonologia autosssegmental, a proposta de Abaurre e Sândalo, *mutatis mutandi*, se aproxima bastante da feita em *Para o estudo da fonêmica portuguesa*.

A formação do plural dos nomes terminados em ão

A coincidência entre alguns pontos das propostas de Mattoso Câmara e as teorias pós-estruturalistas se torna mais patente se lembrarmos o seu artigo **A note on Portuguese noun morphology** (CÂMARA JR., 1967), no qual a formação do plural das palavras terminadas em **ã**o é reanalisada e são propostos “padrões” que se combinam com classes morfológicas e estruturas fonológicas, padrões esses de onde se produziriam as formas singulares e plurais. O mecanismo é de estabelecer a forma padrão tendo como base a forma do plural. Assim, para *leã*o: *leões*, tem-se o padrão **leõe**, fonologicamente **leoN**. Esse procedimento é exatamente o mesmo seguido nas análises de Hensey (1968), Saint Clair (1971), Brasington (1971) e Mateus (1982), com o intuito de mostrar a superioridade da abordagem gerativista sobre as análises tradicionais e as estruturalistas. O que esses autores oferecem a mais são os mecanismos por que se chegam dessas formas abstratas às formas de superfície, procedimento esse totalmente obscuro na proposta de Mattoso Câmara.

Há, porém, uma diferença fundamental entre a prática de Mattoso Câmara e a dos gerativistas. Para estes, estas formas ou construtos teóricos têm motivação independente e realidade psicológica. Explicam não só a formação do plural, mas também a colocação do acento tônico, tornando-o não-fonêmico, a formação do feminino e a regra de abrandamento velar. Para Mattoso Câmara, são apenas construtos teóricos, um meio engenhoso, justificável pela evolução histórica, restrito à análise de um determinado grupo de fenômenos da formação do plural.

A trajetória de Mattoso Câmara, principalmente concepção e prática fonológica, suscita polêmicas. Ora criticada, ora adotada ou reabilitada, ora servindo de inspiração, sua obra mantém vivo entre nós o seu autor e é uma demonstração da perenidade que a vida acadêmica confere quando ela é exercida com retidão, honestidade e coragem de inovar, como o fez o Professor J. Mattoso Câmara Jr.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org). **Teoria Lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária. 2003. p. 144-180.

ABAURRE-GNERRE, M. B. M. Alguns casos de formação de plural em português: uma abordagem natural. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 5, p. 127-156, 1983.

ANGENOT, J.; ISTRE, G. L.; SPA, J. J.; VANDRESEN, P. The Portuguese R's revisited. In: _____. **Studies in pure Natural Phonology and Related Topics**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1981. p. 82-102.

BACK, E. São fonemas as vogais nasais do Português? **Construtura**, n. 4, p. 297-318, 1973.

BARBOSA, J. M. Les voyelles nasales portugaises: interprétation phonologique. **Proceedings of the Fourth International Congress of Phonetic Sciences. (Helsinki 1961)**. The Hague: Mouton, 1962. p. 691-708.

BISOL, L. **Harmonização Vocálica**. 1981. Tese (Doutorado em Letras - Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L. Vowel harmony: a variable rule in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, Cambridge: Cambridge University Press, v. 1, p. 185-198, 1989.

BISOL, L. Mattoso Câmara Jr., e a palavra prosódica. **DELTA**, São Paulo, n. 20, p. 59-70, 2004.

BRASINGTON, R.W. P. Noun pluralization in Brazilian Portuguese. **Journal of Linguistics**, v. 7, n. 2, p. 151-177, 1972.

CAGLIARI, L. C. **An Experimental Study of Nasality with Particular Reference to Brazilian Portuguese**. Ph.D. Thesis, University of Edinburgh, 1977.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Elevação e Abaixamento das Vogais Pretônicas no Rio de Janeiro. **Organon**, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 71-78, 1991.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. O sistema pretônico do português do Brasil: regra de harmonia vocálica. **Atas do XXI Congresso Internazionale de Lingüística e Filologia Romanza**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, Sezione 5. p. 95-100, 1998.

CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 127, p. 4-24, 2002.

CÂMARA JR., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

CÂMARA JR., J. M. Erros Escolares como Sintomas de Tendências Lingüísticas no Português do Rio de Janeiro. **Romanistisches Jahrburg**, Hamburg, n. 8, p. 279-286, 1957.

CÂMARA JR., J. M. A note on Portuguese noun morphology. In: **To Honor Roman Jakobson**. Essays on the occasion of his seventieth birthday. Haia: Mouton, 1967. p. 1311-1314. v. 2.

CÂMARA JR., J. M. **Problemas de Lingüística Descritiva**. Petrópolis: Vozes, 1969.

CÂMARA JR., J. M. **The Portuguese Language**. Translated by Anthony J. Naro. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1972.

- CASTRO, E. **As Pretônicas na Variedade Mineira Juizdeforana**. 1990. Dissertação (Mestrado em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1990.
- CHOMSKY, N. **Current Issues in Linguistics Theory**. The Hague: Mouton, 1964.
- CUNHA, C. **O Cancioneiro de Joan Zorro**. Aspectos Lingüísticos. Texto crítico. Glossário. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.
- CYR, J. J. **Some Intonational Features of Brazilian Portuguese**, M. A. Thesis, The University of Texas at Austin, 1965.
- FROMKIN, V. The Non Anomalous Nature of Anomalous Utterances. **Language**, n. 47, p. 27-52, 1971.
- HALL JR., R. A. The units phonemes of Brazilian Portuguese. **Studies in Linguistics I**, n. 15, p. 1-16, 1943.
- HARRIS, J. **Spanish Phonology**. Cambridge, Ma.: The MIT Press, 1969.
- HEAD, B. **A Comparison of the Segmental Phonology of Lisbon and Rio de Janeiro**. Ph.D. Dissertation, The University of Texas at Austin, 1964.
- LEITE, Y. **Portuguese Stress and Related Rules**. Ph.D. Dissertation, The University of Texas at Austin, 1974.
- LEMLE, M. **Phonemic System of the Portuguese of Rio de Janeiro**. Thesis (MA), University of Pensilvania, Pensilvania, 1966.
- LEMLE, M. Analogia na Morfologia: estudo de um caso. **Revista Brasileira de Lingüística**, Petrópolis: Vozes, n. 1, p. 16-21, 1974.
- PEREIRA, R. C. M. A harmonização vocálica e a variação das vogais médias. In: HORA, D. da. (Org.). **Estudos Sociolingüísticos: perfil de uma sociedade**. Santa Maria, RS: Pallotti, 2004.
- PERINI, M. A. **The Process of Nasalization: Evidence from Portuguese**. The University of Texas at Austin, 1971 (ms).
- PONTES, E. **Estrutura do Verbo no Português Coloquial**. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.

REED, W. D.; LEITE, Y, The segmental phonemes of Brazilian Portuguese: Standard Paulista Dialect. In: Pike, K. **Phonemics**: a technique for reducing language to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1956. p. 194-201.

RAMEH, C. **Contrastive Analysis of Portuguese Intonation**. M. A. Thesis. Georgetown University, 1961.

SAINT CLAIR, R. N. The portuguese plural formation. **Linguistics**. n. 68, p. 90-10, 1971.

SANTOS, E. **O Adolescente e a Percepção do Valor Social de Variantes Lingüísticas**. 1973. Dissertação (Mestrado em Letras - Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1973.

SANTOS, E. **A Transmissão ao Educando de Crenças e Atitudes Lingüísticas**. 1980. Tese (Doutorado em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

SILVA, M. **As Pretônicas no Falar Baiano**. 1983. Tese (Doutorado em Letras - Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

VIEGAS, M. C. **Alçamento das Vogais Pretônicas**: uma abordagem sociolingüística. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos)– Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 1987.

Rio de Janeiro, outubro de 2005.

SOBRE A AUTORA

Yonne de Freitas Leite é doutora em Linguística pela Universidade do Texas em Austin, sob a orientação de Robert T. Harms. Professora-adjunta aposentada (UFRJ). Pesquisadora 1A do CNPq. Atualmente exerce a função de coordenadora do PIBIC da Universidade Gama Filho. Pesquisadora dos grupos de pesquisa Descrições Acústicas do Português (UFRJ/CNPq), Gramática do Português Falado (Unicamp/CNPq) e Projeto NURC: da década de 70 à década de 90 (UFRJ/CNPq). Tem como áreas de atuação as línguas indígenas brasileiras e fonologia do português. Autora de vários artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, tais como: *Joaquim Mattoso Câmara Junior: um inovador*; *A nasalidade vocálica em Tapirapé*; *A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil*; *A Gramática de Anchieta: 500 anos de língua tupi*; *Observações preliminares sobre a língua Araweté*; *Comparação de aspectos da gramática de línguas indígenas brasileira*; *As construções causativas em Tapirapé*. Autora de vários capítulos de livros. Entre outros, publicou, em co-autoria com Dinah Callou, os livros *Introdução à fonética e à fonologia* e *Como falam os brasileiros* e, em co-autoria com Bruna Franchetto, *Origens da linguagem*.